

Anexo 1

Caderno de memórias

Porque estudar o Bairro social da Atouguia foi um constante recomeço:

Sísifo

Recomeça...

Se puderes

Sem angústia

E sem pressa.

E os passos que deres,

Nesse caminho duro

Do futuro

Dá-os em liberdade.

Enquanto não alcances

Não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,

Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.

Sempre a sonhar e vendo

O logro da aventura.

És homem, não te esqueças!

Só é tua a loucura

Onde, com lucidez, te reconheças.

Visitas ao caso de estudo

12 de fevereiro de 2020

15 de fevereiro de 2020

25 de fevereiro de 2020

3 de março de 2020

9 de julho de 2020

13 de julho de 2020

14 de julho de 2020

15 de julho de 2020

19 de julho de 2020

24 de julho de 2020

24 de julho de 2020

5 de agosto de 2020

10 de agosto de 2020

21 de agosto de 2020

22 de agosto de 2020

23 de agosto de 2020

9 de setembro de 2020

13 de setembro de 2020

22 de setembro de 2020

8 de outubro de 2020

12 de outubro de 2020

29 de outubro de 2020

31 de outubro de 2020

12 de novembro de 2020

8 dezembro de 2020

17 de dezembro de 2020

20 maio de 2021

18 junho de 2021

Total: 28 visitas

12 de fevereiro de 2020

Quarta-feira – manhã (sozinha)

Sozinha

1ª visita ao Bairro Social da Atouguia

Caminhar

Os olhares são constantes, não há um passo que dê que não sinta a vigilância cada vez mais a apertar. Não sei se olho para eles da mesma forma ou se sentem o mesmo que eu. Parei, sentei e achei que não seria capaz. Uma hora depois, bastou o bom dia de um idoso para me fazer voltar a percorrer o bairro. Percebi que não era como entrar noutra espaço da cidade. A abordagem tem de ser diferente, não sei como, mas tem.

15 de fevereiro de 2020

Sexta-feira – tarde (sozinha)

Caminhar + registo fotográfico

Não dá para fazer registo fotográfico sem ser as escondidas. Nos primeiros registos ainda o fazia sem preocupação nenhuma até ser abordada e ameaçada por um morador: “Que estás a fazer?”; “a tirar fotos?”; “Queres tirar pedes ou para a próxima não sabes o que te acontece.” Depois de pedir desculpa inúmeras vezes, continuou com ameaças, pedi desculpa mais uma vez e virei costas.”



25 de fevereiro de 2020

Terça-feira – tarde (sozinha)

Caminhar + observar

Objetivo:

1. Registrar fotograficamente os espaços onde ainda não tinha acedido (não conseguido)
2. aproximar e falar com as pessoas (não conseguido)

“Vai embora”;

“Nós não te queremos aqui”;

“Oh jeitosa, tu não és deste planeta, volta p'ro teu”;

3 de março de 2020

Terça-feira – manhã (sozinha)

Caminhar e registo fotográfico

Hoje fui cedo, não se passava muita coisa, tentei aceder e registrar o máximo de sítios que ainda não tinha acedido. Depois da última vez percorri o bairro a medo.



9 julho de 2021

Quinta-feira – tarde (acompanhada: Cristina Souto)

Caminhar + observar

Percorrer o bairro para descobrir algumas dinâmicas dos habitantes.

Abordagens:

“cada macaco no seu galho”

“apareçam aqui à noite”

“oh mais umas que se perderam”

Não foi um dia muito produtivo, fomos as duas a medo. No entanto, deu para perceber que o café no centro do bairro estava sempre cheio de moradores e era o sítio de onde mais olhares estranhos recebíamos.

Os rapazes da nossa idade fumavam droga e tabaco nas proximidades da sede.

Para desafogar desse ambiente, percorremos o resto do bairro onde encontramos a São e a amiga. Não falamos muito com elas, apenas dissemos olá e falamos sobre o dia: *“Oh meninas, está sim. Estamos aqui a apanhar sol que não temos muito mais para fazer”*.

Como fomos ambas a medo, não aproveitamos muito esta oportunidade. A Cristina já não queria estar no bairro nem se sentia bem nele e, por isso, fomos embora.

“Nunca mais venho contigo, nem penses. E tu, vê lá se tens cuidado, já se viu que não é um sítio, põe-te fina.”

Cristina

13 julho de 2021

Segunda-feira – tarde (sozinha)

Observar + mapear dinâmicas

Senhor a trazer o pão para casa cansado;

Senhor a lavar o carro;

Senhora a trazer o pequeno almoço à mãe e a sair de carro;

Senhora a passear o cão;

Homem bêbado com garrafa de vinho na mão;

Senhores a conversarem no bloco que forma um C.

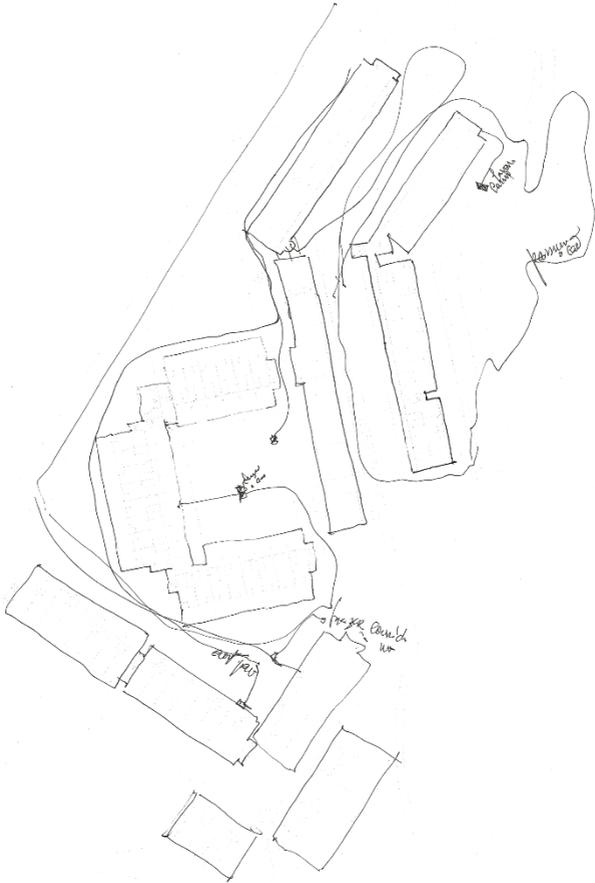
O homem bêbado a partir de um certo momento começou a seguir-me. A caminhar apressada, sentei-me junto dos senhores a conversarem, disse *“bom dia”* e apenas fiquei a ouvir o que diziam.

X: Já bebeste bem hoje.

Y: é sempre a mesma coisa este, bebe e bebe, depois anda aí aos caídos a assustar toda a gente.

X: já sabes como, isto é, à noite e de certeza que dormiu aí encostado a uma porta qualquer ou ainda nem à cama foi.”

O homem bêbado continuou a andar e não lhes disse nada. Os senhores foram embora e eu também.



15 de julho de 2020

Quarta-feira – manhã (sozinha)

Aproximação às pessoas

Encontrei novamente a Conceição e a amiga a conversar. Abordei-as e comecei por perguntar se já viviam no bairro há muitos anos. Ambas disseram que sim e daí começaram a contar-me tudo sem eu perguntar.

Queriam mais serviços no bairro, um talho, lugares onde pudessem sentar ao sol e um parque infantil para poder ver as crianças brincar. Mas sabiam que era impossível, primeiro porque ninguém queria saber e em segundo porque as pessoas estragavam tudo lá, não havia uma única coisa que se tivesse mantido.

A Conceição, ou “São” como carinhosamente a chamo, explicou-me como funcionava o bairro, que pisos pertenciam a cada casa e como identificar as casas desocupadas (segundo um autocolante específico no vidro).

Aproveitei neste instante para falar do quintal dela. Perguntei-lhe se ela gostava de tê-lo junto à rua.

“menina, eu já nem consigo limpar o meu quintal e estas escadas, às vezes ainda o faço, com muito custo, mas já não consigo. Se subir já custa muito. O meu marido já mal sai de casa porque tem de subir isto, eu vou pelo mesmo caminho e as coisas vão ficando abandonadas. Mas olhe, se eu ganhasse o Euromilhões saía daqui e ia viver para outro lado.”

São

“Quintais mais não, as pessoas nem dos delas conseguem cuidar. Mas a culpa é também desses drogaditos que se não fossem eles, uma pessoa até tinha gosto de ter as coisas bonitas. Eles estragam tudo. Sabe o que faltava? Aqui faltava um talho.”

amiga da São

“Olhe menina, ainda hoje fui ao jardim tirar as ervas. Mas já não consigo, é muito difícil subir e descer para lá.”

Contaram-me também que antigamente era pior, mas que, entretanto, esses adolescentes tinham crescido e hoje já tinham acalmado. Porém, passava um pouco de geração em geração e agora havia novos a causar distúrbios no bairro.

A conversa foi fluído e fomos falando de outros assuntos até que me despedi.

19 de julho de 2020

Domingo, tarde (sozinha)

Mapeamento dos espaços desocupados

O domingo é o dia com mais movimentação no bairro. As pessoas juntam-se na sede e lá ficam o dia todo se for o caso. Ao domingo não dá para desenhar nem fotografar. Apontei no telemóvel os espaços desocupados segundo a lógica (ex. bloco L – casa 7 a contar da ponta)

24 de julho de 2020

Sexta-feira – manhã (sozinha)

Mapeamento das apropriações nos espaços comuns.

Hoje conheci o Nelo.

Estava a desenhar sentada numas escadas e o Nelo berrava da galeria, perguntou-me o que ali estava a fazer e disse que ninguém me fazia mal nenhum se eu fosse desenhar de lá. Então eu fui.

No início ofereceu-me vinho e carne assada, disse que tinha bebido muito durante a noite e que por isso tinha acordado cedo.

O Nelo trabalhou numa fábrica em Guimarães, mas despediu-se porque não lhe aumentavam o salário e recebe subsídio de desemprego.

A mãe do Nelo tinha ficado cega há pouco tempo, fazia 15 dias, estava constantemente em consultas e alguém tinha que tomar conta dela.

“Trabalhei numa fábrica muito tempo, mas cansei sabes. A minha mãe ficou cega à pouco tempo e alguém tem que tomar conta dela.”

A conversa foi informal e foi fluído.

O Nelo abriu as portas de casa e disse que estava à vontade para desenhar e ver a casa se assim quisesse e que certamente isso me iria ajudar. Eu entrei e falamos sobre o tempo da mãe na Alemanha e de muitos objetos que trouxe de lá.

- a casa é pequenina, não deves estar habituada, mas é humilde. – disse ele.

De dentro de casa tirei duas fotografias e consegui assimilar na memória alguma da disposição do mobiliário para desenhar agora em casa. Entrar na casa do Nelo ajudou a perceber como funcionava o interior da casa para reajustar as bases de desenho.

A mãe do Nelo, reparou que alguém estava em casa dela e pensou que era a ex-namorada dele. O Nelo foi acalmá-la dizendo que era uma conhecida dele e que tinha passado pelo bairro para dizer olá. A senhora começou aos berros e eu entrei em pânico. Decidi que tinha que ir embora e corri para a porta até perceber que estava trancada. Por sorte a chave estava lá e consegui sair, corri o bairro todo até conseguir sossegar.

O Nelo reparou e correu logo atrás de mim. Acabei por ir tomar café com ele e com os amigos do bairro como forma de pedido de desculpa. Para conseguir vir para casa tive que pedir para me ligarem e inventar uma desculpa.

Neste dia não fiz mais nada no bairro e mal comecei o desenho.

25 de julho de 2020

Sábado – manhã (acompanhada: Baltasar Teixeira)

Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns.

Neste dia conheci um senhor, que aparentava drogar-se constantemente, que me abordou enquanto desenhava os terraços do bloco C.

No início apenas perguntou os nossos nomes e o que estávamos lá a fazer, respondi cordialmente e ele começou a falar connosco. Contou-nos a vida dele toda, incluindo que já tinha estudado para desenhador, mas que agora não fazia nada disso.

“Digo-te, antes isto era um bom local para viver. Ainda é, durante a noite é um mundo, ias gostar. Mas antes, até dava gosto viver aqui, quase que parecia tudo muito chique. Assisti à construção dele, as pessoas vinham cá e roubavam muitos sacos de cimento sem ninguém dar conta. E agora. Olha, agora arrumam com toda a gente que acham que é escumalha e metem aqui. É assim que pensam e claro, as pessoas não têm de provar que não o são.”

Ainda tentei perguntar mais sobre ele para tentar saber mais sobre quem habitava o bairro, porém, no que diz respeito a perguntas pessoais nunca me respondia.

- Acreditas num Deus superior ou em um Deus arquiteto?
– perguntou ele.
- Acredito em um Deus arquiteto – respondi eu.

Os olhos dele brilhavam com esta resposta como se tivesse ganho o euro milhões. O senhor não se calava e a certo ponto deixei de ouvir.

- Margarida, tu és linda, és uma flor, és mesmo uma mulher bonita. Olha que tens umas coisas que a mim deixavam louco. – dizia ele ignorando a presença do Baltasar.

Sempre fui vestida desportivamente para o bairro de forma a evitar comentários sobre o meu corpo, no entanto, sabia que por ser mulher tornar-se-ia ainda mais desafiante.

- Que horas são? – perguntava ele.

- 10h20 – respondeu o Baltasar

E então ele desceu as escadas para comprar droga. O traficante já estava à espera dele de forma muito descontrada, deram um abraço colocando quer o dinheiro quer a droga nos bolsos do casaco.

Depois voltou para a nossa beira, ignorando novamente o Baltasar, perguntou:

- Estás aqui amanhã Margarida?

- Não sei. – respondi eu.

- Tens que vir almoçar comigo, hoje não que já não tenho dinheiro, mas amanhã tens que vir. És mesmo jeitosa para mim.

Não respondi. O segurança, que está à porta da entrada para a associação, veio ter connosco, mas nunca se pronunciou.

- Margarida, vamos que eu já acabei de desenhar isto. – disse o Baltasar como forma de me ajudar a sair de lá.

Levantamo-nos e saímos. O senhor veio atrás de nós:

- Amanhã Margarida, à hora de almoço aqui. – dizia ele

Saímos do bairro o mais rápido possível. Estava a tornar-se cada vez mais desafiante fazer qualquer tipo de desenho no bairro.

- Eu gosto muito de ti, mas eu não volto mais contigo. – disse o Baltasar.

5 de Agosto de 2020

Quarta-feira – tarde (sozinha)

Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns

10 de Agosto de 2020

Segunda-feira – tarde (sozinha)

Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns

21 de Agosto de 2020

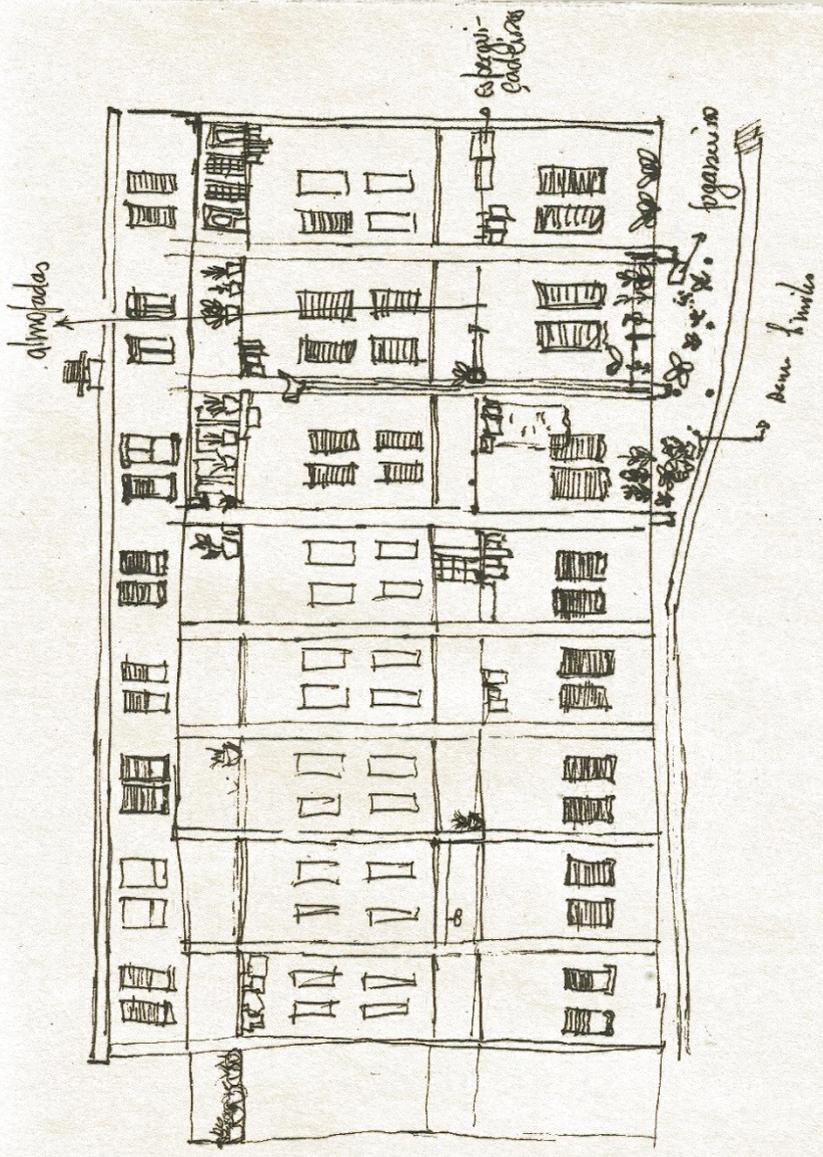
Sexta-feira – tarde (sozinha)

Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns.

Neste dia conheci umas senhoras que passeavam o cão, disseram para ter cuidado que nem toda a gente levava a bem desenhar no bairro.

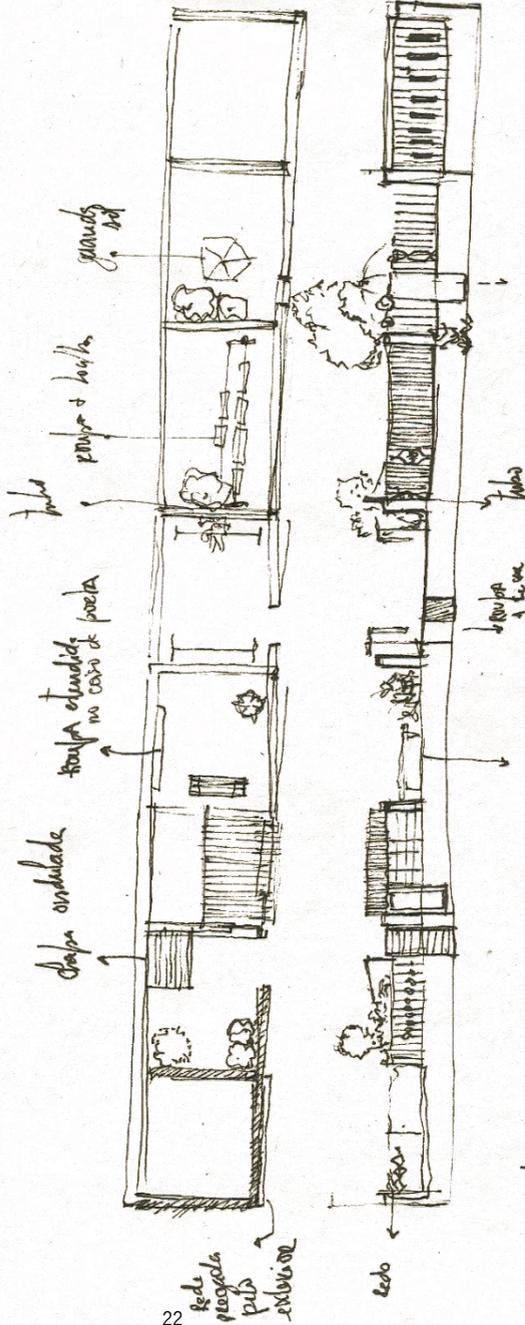
- Alguns é pela bebida, pela droga ou são uns brutamontes. - dizia uma delas.

A senhora apanhou os dejetos do cão e continuou a sua vida.



10 000 mil emms pag 10-1.

8 divisões

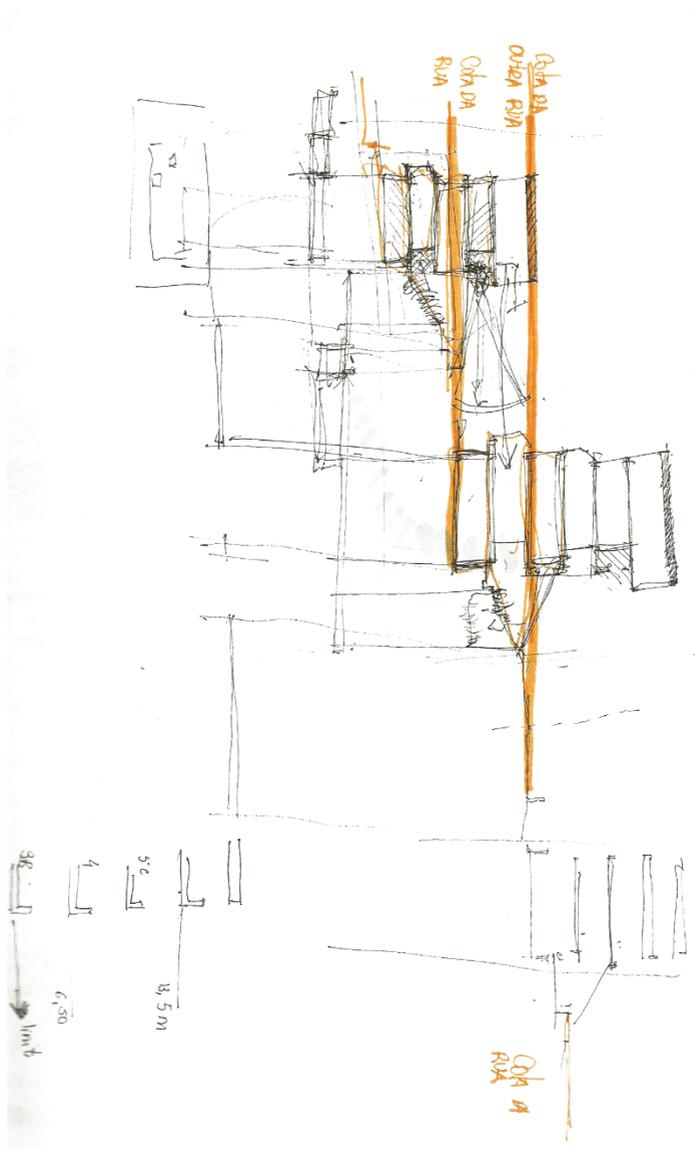


da parte grande
barras nas duas pontas

9 de setembro de 2020

Quarta-feira – tarde (sozinha)

Retificação de cotas para base de trabalho



13 de setembro de 2020

Domingo – manhã (acompanhada: Tiago Ribeiro)

Registo fotográfico dos lugares comuns + verificações

Fui com o Tiago ao bairro tirar fotografias. O Tiago tirou fotografias às fachadas, para depois verificar os espaços desocupados, e eu aos lugares comuns.

Durante o período de tempo que estivemos no bairro eu não conversei com ninguém, apenas “bom dia” e “olá”. Por sua vez, o Tiago encontrou o senhor que queria ir almoçar comigo. Este também lhe perguntou o que ele estava ali a fazer e o Tiago apenas respondeu que era estudante de arquitetura e estava a fazer um trabalho sobre o bairro.

- Então conheces a Margarida, diz-lhe que tenho saudades dela e que ainda não me esqueci do nosso almoço. – disse o senhor ao Tiago.

No fim procedi à verificação dos espaços desocupados colocando um ponto preto nas fotografias das fachadas e à identificação dos blocos segundo a letra colocada nas caixas de correio.

22 de setembro de 2020

Terça-feira – manhã (sozinha)

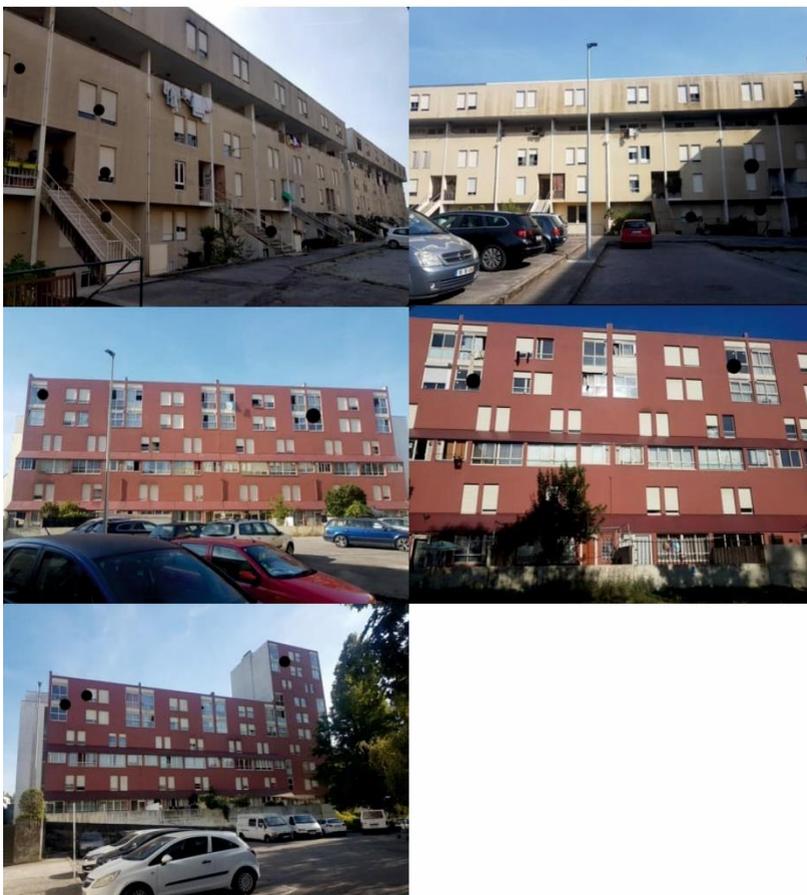
Registo fotográfico dos lugares comuns

Mapeamento das apropriações no bloco D (alçado)

Identificação dos blocos por letras



Verificação dos espaços desocupados



Quintais / terraços









Galerias











8 de outubro de 2020

Quinta-feira – tarde (sozinha)

Caminhar + aproximação dos habitantes

Objetivo: continuar a mapear as apropriações nos lugares comuns (não conseguido)

Fui seguida durante todo o percurso: onde quer que fosse um homem na casa dos 30 anos andava atrás de mim.

Encontrei a São e estivemos a conversar sobre o filho dela e a dificuldade de locomoção que este tinha. Entretanto, o filho dela chegou e presenciei ele a descer e depois a subir as escadas quase de gatas.

A São contou-me que já tinha feito o pedido ao IHRU e à câmara Municipal para pôr um corrimão diferente, até à data ninguém lhe tinha respondido.

“Aqui ninguém quer saber de nós. A minha casa está quase a cair de podre. Até tenho vergonha. O meu filho tem uma doença e mal consegue andar, queria por um corrimão nas escadas e não deixaram. Ele para subir é de gatas.”

Esta senhora foi, durante estes meses, a melhor companhia, um porto seguro e quase como uma avó que me protegia sempre. Quando estava com ela nunca ninguém se aproximava nem me diziam nada.

Falamos do tráfico de droga e que este era feito de porta a porta. Para a São falar disto já era como falar de outra coisa qualquer: era o que era e não havia nada a fazer.

“Eles durante a noite vão para as entradas das casas e dão uns berros a perguntar se alguém quer. (...) Mas, menina, quando não está a chover, batem à porta de toda a gente e quem abre é porque quer, já se sabe para o que é. Depois compram e drogam-se em casa ou juntam-se por aí nos becos. O bairro já foi muito pior nesse aspeto, há 20 e tal anos, mas não está muito melhor também. Acho que são aqueles ciganitos, estás a ver? Moram mesmo aqui ao lado e à noite é uma festa.

A São dizia-me tudo o que eu queria saber, ainda me atrevi a perguntar sobre o preço renda, mas sobre isso ela nada disse.

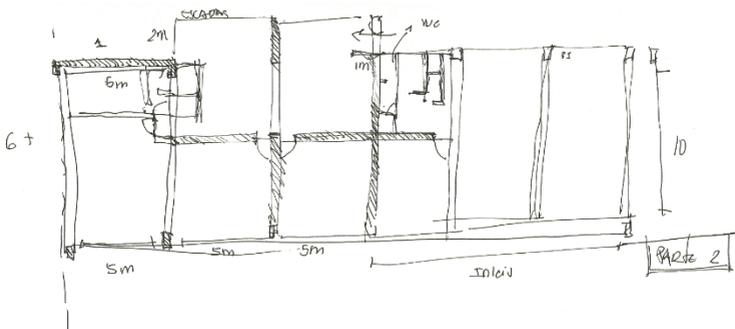
12 de outubro de 2020

Domingo – manhã (sozinha)

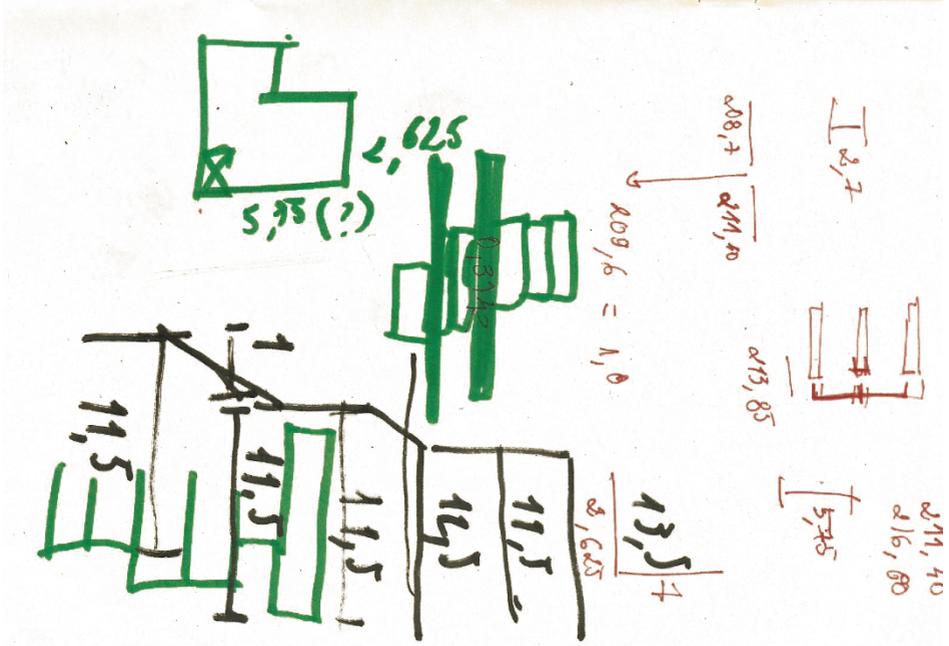
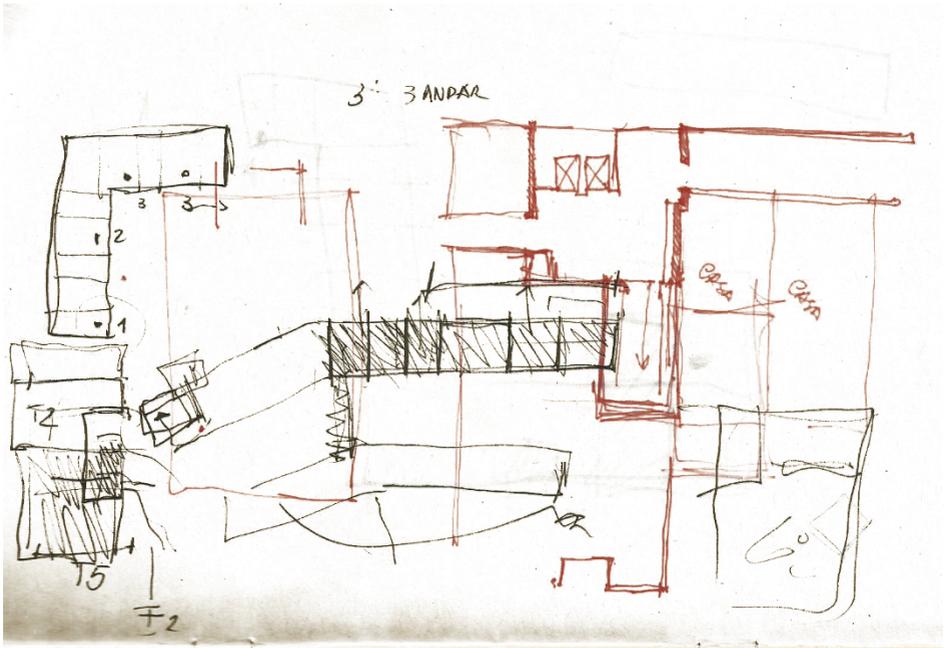
Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns

Estabelecer relações, proporções e medidas ajustar as bases dos cortes e plantas.

Há dias para tudo no bairro: para sair a correr, para estar sossegado. Mas nunca é por muito tempo e sempre foi preciso estar atenta. Há dias para tudo no bairro: para sair a correr, para estar sossegado. Mas nunca é por muito tempo e sempre foi preciso estar atenta. Não me era estranho percorrer os *espaços entre* e numa parte não ver nada e logo a seguir ver um monopólio de elementos. Sentia que não me feria o olhar. Mesmo quando caminhava num espaço extremamente apropriado, a apropriação era de tal forma semelhante e comum, que parecia até já pertencer ao sítio.



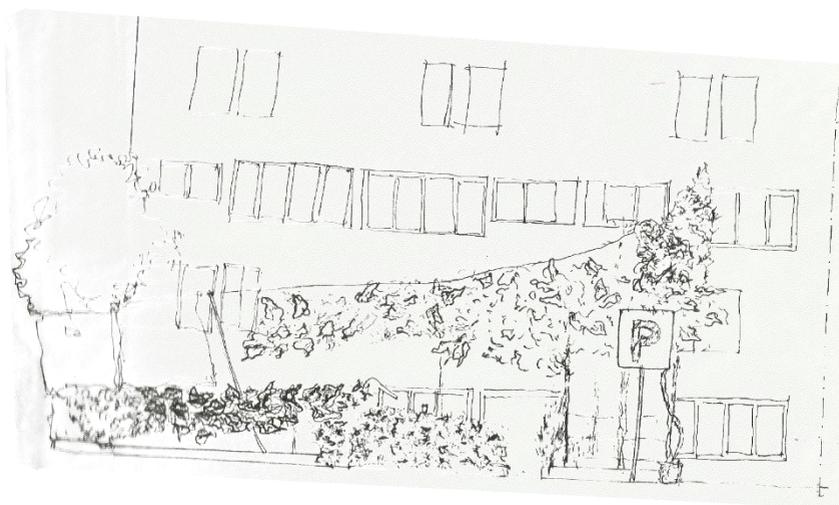
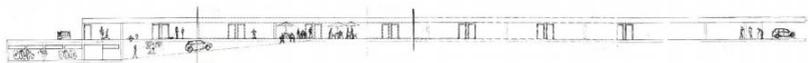
+ 2 de 11 em



31 de outubro de 2020

Sábado – tarde (sozinha)

Continuação do mapeamento das apropriações, usos e dinâmicas nos espaços comuns.



12 de novembro de 2020

Quinta-feira – manhã e tarde (sozinha)

Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns.

8 de dezembro de 2020

Terça-feira – manhã e tarde (sozinha)

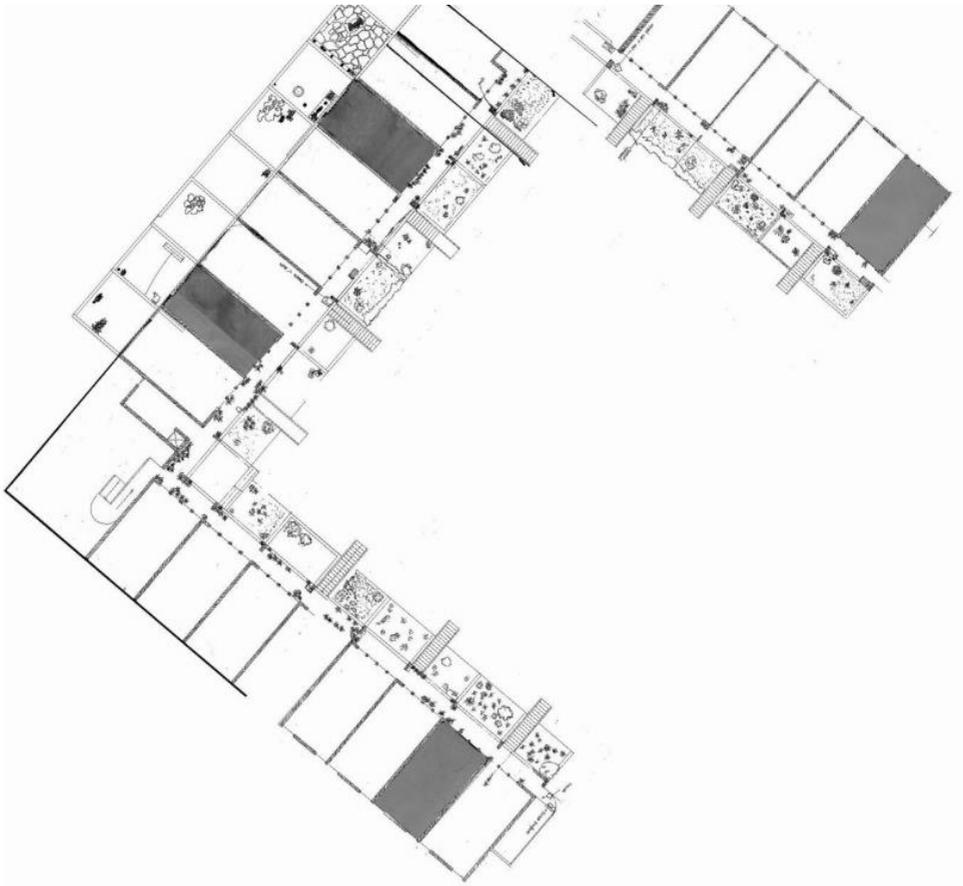
Continuação do mapeamento das apropriações nos espaços comuns.

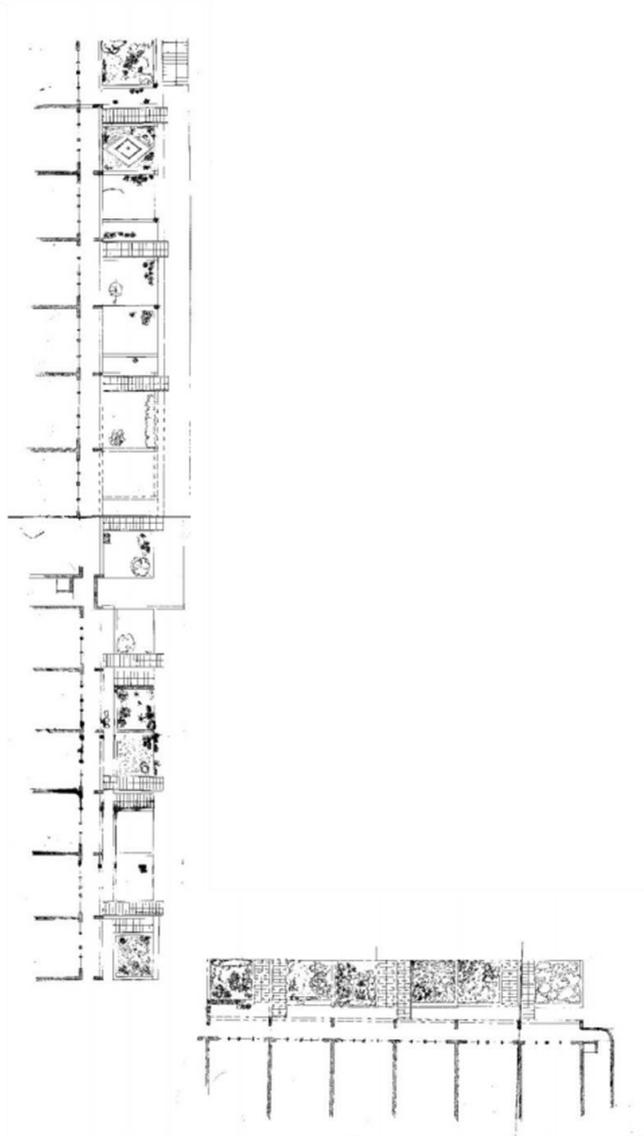
17 de dezembro de 2020

Quinta-feira – tarde (sozinha)

Finalização do mapeamento das apropriações nos lugares comuns
+ registo fotográfico

Para a realização destes mapeamentos levava sempre uma planta (ou em partes para posteriormente juntar) base em A4 impressa. No entanto, como essa base estava também ela em constante transformação e não era todos os dias que estava à vontade a desenhar, nem sempre a usava. Muitas vezes traduzia estas apropriações para o desenho por partes e, quando chegava a casa, juntava-as.







● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA



● REDMI NOTE 9 PRO
◎ AI QUAD CAMERA

18 de junho de 2021

Sexta-feira – manhã (acompanhada: Tiago Ribeiro)

Decidi fazer uma visita adicional ao bairro por medo de me faltar alguma coisa que fosse crucial.

Descobri um projeto escondido e aquilo que encontrei foi no mínimo surpreendente: a improvisação do quintal está-se a alastrar, ou seja, as pessoas perceberam que x pessoa tinha feito aquilo, suprimia algumas necessidades e também elas começaram a fazer.

